

UM ESTUDO DE CASO DA ANÁLISE COM UMA CRIANÇA

Ronaldo Adriano Alves dos Santos

Michaela Carla Laurindo

Este trabalho visa discutir o processo de atendimento psicanalítico a uma criança. As discussões aqui apresentadas partem da escuta de uma criança que era atendida no Núcleo de Prática Psicológica (NPP) da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Nosso método e nosso referencial teórico nesse caso são o mesmo posto que a Psicanálise mais que uma teoria é por nós concebida como um método de trabalho.

Mas o que é a psicanálise com crianças? Primeiramente quero deixar claro que não falo de uma outra psicanálise, uma específica, pois acredito que trata-se de uma única psicanálise, esta é a do adulto. É certo, porém que ao atendermos uma criança estamos sujeitos a algumas peculiaridades.

Assim como na análise de adultos o atendimento da criança também se inicia por um período de “entrevistas preliminares”. Processo constituído de três funções: Função Sintomal, Função Diagnóstica e Função Transferencial (Quinet, 2007). E aqui já podemos observar as peculiaridades do atendimento de crianças, visto que “quando falamos em ‘entrevistas preliminares’ no atendimento de crianças estamos sempre considerando que os pais estão presentes nessas entrevistas” (Faria, 1998, p. 77), de modo que essas três funções possuem características próprias ao atendimento da criança.

Quanto à função transferencial o analista além de ter de estabelecer uma relação transferencial com o paciente (a criança) tem também de garantir que o laço transferencial com os pais se constitua. Este laço é fundamental para que o tratamento se efetue, uma vez que sem a transferência dos pais ao analista não há demanda de tratamento a ser trabalhada. “É necessário portanto considerar o fato de que *a criança só chega até nós se seu sintoma for de tal ordem que faça questão para seus pais*, que os angustie, que os leve a supor um saber sobre esse sintoma ao analista” (Faria, 1998, p. 83).

Além disso, e absolutamente correlacionada à função transferencial, que exige esse duplo vínculo, cabe ao analista, através da função sintomal, distinguir o sintoma na criança do sintoma da criança, o primeiro sendo aquele identificado pelos pais e o segundo as questões

que se agitam e que são comunicados pela própria criança e que podem ou não coincidir. “É pois, com o discurso da criança que lidamos. Um discurso que está longe de ser o dos pais – aliás, em muitos casos, o discurso da criança., sua patologia e seus sintomas assujeitam os pais quanto a seu desejo” (Lefort, 1991, p.11). Se dissemos que necessário fazer essa distinção do sintoma *da* e *na* criança é “porque consideramos que nos dois lugares há verdade. Há verdade de um sujeito, daquele que fala, e que é preciso escutar” (Faria, 1998, p. 83), entretanto estamos cônescios de que o sintoma nomeado pelos pais trata-se sempre de um recorte subjetivo e sendo a criança o nosso paciente devemos buscar que ela nomeie seu sintoma, e não seus pais.

Já no que tange à função diagnóstica, não podemos seguramente, ao atendermos uma criança, realizar seu diagnóstico diferencial estrutural visto que ela esta em pleno processo de estruturação psíquica, podemos sim observar e diagnosticar em qual momento da alienação/separação a criança encontra-se e como ela tem vivenciado a passagem pelo Édipo.

Nesse sentido podemos dizer que cabe à análise de crianças acompanhar a erupção do Sujeito e fornecer-lhe um espaço de expressão um local onde ele possa trabalhar as questões que começam se agitar nele, nesse sentido vemos que a criança fala e “cabe a nós escuta-la sem nos apegarmos a um saber que poderia produzir fechamento, que produz fechamento; cabe a nós nos tornarmos disponíveis, fazer tabula rasa de um discurso prematuro –o nosso, ou o dos pais – e não ser mais que uma voz para deixar lugar à criança como analisando por inteiro” (Lefort, 1991, p.12).

Quanto ao caso que atendo, ele conta hoje de nove sessões. Atendo uma menina de nove anos de idade e quem buscou o tratamento foi a mãe. A mãe se queixa de que a menina é muito nervosa, que quer tudo do jeito dela, é teimosa e tem problemas de aprendizagem, troca algumas letras, tem dificuldade de interpretação de texto e “não quer ficar sozinha em casa”.

Essa criança é fruto de uma gestação tardia a mãe já tinha mais de 40 anos quando ficou grávida. A mãe relata também que teve complicações durante a gravidez, ficava muito nervosa, pois seu marido era alcoolista. Hoje a mãe e o pai da A. são separados. A mãe relata que a A. tinha convulsões, desde os 18 meses, que perduraram até por volta dos sete anos, essas crises, segundo a mãe ocorriam sempre que A. era contrariada tendo ocorrido pela

primeira vez quando seu irmão lhe retirou um de seus brinquedos. Sobre as convulsões a mãe levou a A. a alguns médicos que descartaram qualquer alteração neurológica na menina.

Ao que parece as crises ocorriam quando algo lhe era tirado, embora esse período de convulsões já tenha passado, percebo que esta ainda é a questão que se agita na paciente a possibilidade de lhe ser tirado algo ou a percepção de que isso já ocorreu. Levando em consideração que as convulsões terminaram por volta dos sete anos de idade e que em vários momentos, de sessões distintas, ao questionar a A. sobre o que ela gostaria de fazer ou sobre o que eram suas produções ela responde com um recorrente “*não sei*”, acredito que isto pode denotar que algum recalque já tenha ali se produzido.

No segundo atendimento a mãe chegou bem nervosa, dizendo um “*não é fácil*” seguido de cerca de 25 minutos de silêncio. Peço para ouvir o pai na semana seguinte em um horário diferente para que na semana seguinte eu já pudesse atender a A.. A mãe diz que ele provavelmente não viria ao atendimento. No dia do atendimento agendado para o pai, ele não veio nem justificou a falta. No primeiro atendimento da A. a mãe me diz que ela não avisou o pai do agendamento do atendimento, pois ela sabia que o pai não viria. Devido ao nervosismo que a mãe apresentou no último atendimento foi proposto a ela mais atendimento também em horário diferenciado. Nesse atendimento ela disse estar mais calma, mas também faz um longo silêncio. Este atendimento foi feito no sentido de garantir que o laço transferencial com mãe fosse fortalecido, ainda mais devido ao fato de o pai ter sido excluído pela mãe da possibilidade participar do tratamento da filha.

Sobre a mãe ficou perceptível que ela é uma provedora as faltas da filha, embora diga que já está na hora de barrar esta menina, pede para que a escola reprove a A., pois percebe que a filha não tem condições de prosseguir assim. A mãe exclui o pai do processo, mas parece ver como necessária a interdição à filha. No outro pólo da mãe provedora temos a filha cobradora, as constantes cobranças da A. faz com que a mãe pergunte a ela “*ta faltando alguma coisa?*”. A mãe ao perguntar isso parece perceber que as cobranças da filha tratam justamente de algo que falta, só que esse um algo que falta não são os objetos reais que a mãe insiste em dar a filha, o que a A. cobra é um outro objeto, um imaginário que ela parece já perceber que não tem e que a mãe também não (Wisniewski, 1986).

A mãe se queixa de que a A., que atualmente tem dividido o quarto com a mãe, está querendo um quarto só para ela onde ela possa fazer suas coisas à sua maneira, coisa que não é possível agora, pois a casa está em reforma, mas é justamente de uma reforma que se trata este pedido, uma mudança nos modos como essa relação tem ocorrido o pedido pelo quarto é um pedido de afastamento da mãe é um pedido para desatar os laços da alienação e separar-se dela.

Em seu primeiro atendimento A. brinca com o “Engenheirinho” e constrói um hotel que “*tem muitos quartos*” e também um conjunto de “*Kitnets*” de modo que cada um pudesse ter seu quarto, onde todos estavam separados. Após construir estas estruturas de separação ela diz movimentando as peças

P: “Acabou...acabou...morreu...morreu tudo...tô morta...morreu.

E: O que acabou? O que morreu?

P: O prédio acabou destruíram o hotel acabou.

E: quem destruiu o hotel?

P: Eu!...acabou...morreu...eu tô morta

E: Você destruiu! Morreu! E está morta!

P: É morreu tudo só sobrou a grama

E: Morreu e tá morta só sobrou a grama!

P: Tudo morreu até a grama morreu só sobrou a terra...

[...]

E: E agora?

P: Não sei...vamos brincar de massinha

Seria isto expressão da mortificação sentida pela separação? Algo do insuportável que a faz após brincar de separar ela decidir brincar de unir? Com as massinhas de modelar ela modela uma amalgama de todas as cores. Na sessão seguinte ela resolve começar brincando com a “*bagunça*” (como ela chamou a amalgama) e diz “*Vamos ter que separar*”. Insiste que a separação tem de ser feita.

Em outro atendimento ela pega novas massinhas, que por um equívoco meu estavam na sala, e repete o processo de amalgamamento, dessa vez, porém, com mais requinte, vai unido aos poucos até que o resultado seja o mesmo das sessões anteriores. Após ter amalgamado, começa a separar pedaços da “*meleca*” (como ela passou a amalgama de massinhas) e repete esse processo de separar e unir os pedaços da “*meleca*” diversas vezes durante a sessão, de maneiras diferentes, além disso ela olha diversas vezes para o relógio (é chegado o tempo de separar) com uma expressão de enfado com aquilo que fazia, mas mesmo com esse enfado ela insiste na repetição da operação de separar e unir a “*meleca*”, até que no final da sessão ela uniu a “*meleca*” do dia com “*meleca*” das sessões anteriores. Digo para ela

que agora não teria como saber qual era qual ela porém acha uma maneira de demonstrar que mesmo unidas as “*melecas*” ainda é possível separar uma da outra.

Em duas ocasiões em que a paciente começa a brincar com as massinhas modelar ela diz que irá fazer uma piscina. Pergunto a ela

E: O que é uma piscina?

P: Eles pegam e cavam um buraco.

E: Ah! Então piscina é um buraco!

P: Não! Eles fazem um buraco daí eles compram a piscina e colocam no buraco.

Esta produção dela reforça a idéia de que ao brincar de massinha ela ainda tenta manter um algo de alienação, de colagem, de “amalgamamento” à mãe, produzindo um algo que tenta tamponar o “*buraco*”, um objeto que recubra a falta percebida, entretanto esse mesmo objeto que vai sobre o buraco é também ele um buraco, a falta percebida e recoberta por outra falta, o que justifica o fato de que em nenhuma das vezes a piscina foi efetivamente produzida e o que se seguiu à tentativa de fazer o objeto que tapa buraco foram produções que separavam em diversos pedaços a “*meleca*”. Estas produções de massinha de modelar parecem estar tão diretamente ligadas à sua relação com a mãe que ao término de toda sessão, em que ela brincou com as massinhas, ao chegar na recepção ela diz imediatamente à mãe “*Quer um abraço de massinha, de meleca*”, então a mãe também deve ser afetada por este processo que ela tem produzido.

Na última sessão, e pela primeira vez, a paciente resolve mexer na caixa de brinquedos. Ao jogarmos mico ela transforma o mico no “*coringa*”, aquilo que no jogo faz perder ela reconhece como o trunfo, embora mesmo como trunfo seu efeito é uma pequena perda um passar a vez. Isso poderia significar um reconhecimento de que mesmo a perda pode ser um “*coringa*” um auxílio, um ganho?

Brinca com os Fantoches, brinquedo que só é animado pelo buraco, somente a partir daquilo que falta a ele é possível que ele adquira possibilidade de comunicar e de ser. Brinca também de “*Resta um*”, insistindo na necessidade de que o buraco central fique vazio.

Enfim de todas essas brincadeiras ao que parece o resultado da elaboração final é que se reste o Um e esse Um é o resultado da separação. Através da operação da separação espera-se que reste o sujeito, “a operação de separação liberta o \$ [...] de desaparecer no campo do Outro, na busca de um sentido, de um saber impossível sobre sua existência, sobre o seu ser” (Wisniewski, 1986, p. 32-33).

REFERÊNCIAS

Faria, Michele Roman. (1998). *Introdução à psicanálise de crianças – o lugar dos pais*. São Paulo: Hacker.

Lefort, R. (1991). Unidade da psicanálise. In Miller, J. (org). *A criança no discurso analítico*. Ducle, D. E. (Trad.). Rio de Janeiro: JZE.

Quinet, A. (2007) *As 4+1 condições da análise*. 11. ed. Rio de Janeiro: Zahar.

Wisniewski, L. I. (1986). A Separação. In Belan, Z.; Thá, F.; Wisniewski, L. et Al. *Análise com crianças*. (p.29-33). Curitiba: Letras da Coisa nº7 – Publicação de Coisa Freudiana Transmissão em Psicanálise.

EIXO TEMÁTICO: PSICOLOGIA, SAÚDE E PROCESSOS CLÍNICOS